

## Poesia Pré-islâmica: *Os Poemas Suspensos*

*Prosa & Verso*, OGLOBO, 26/08/2006

É em comparação a um Outro que fortalecemos nossas identidades. O “Oriente” há séculos—ou há milênios—fascina o ocidental. A questão é que o Oriente não existe, é uma invenção nossa. Existiriam talvez vários Orientes: a China, a Índia, o Islã, só para citar alguns exemplos, são civilizações totalmente distintas umas das outras, e dentro da Índia somente há uma infinidade de tradições religiosas e sociais que ainda não terminaram de se sincretizar. Como toda civilização humana, o Ocidente é autocentrado, míope em relação ao que lhe é estrangeiro; mas, verdade seja dita, em sua versão capitalista tem feito um grande esforço em direção ao Outro (não estou sendo apenas irônico aqui, além de colonizar e mercantilizar essas culturas, temos genuinamente aprendido e nos transformado com elas).

De todas as culturas ditas orientais, a mais próxima de nós é o Islã. Na verdade, numa visão mais ampla e talvez mais correta, o islamismo poderia ser considerado como parte da cultura “ocidental”, pois está entroncado nas mesmas raízes religiosas e filosóficas, se desenvolvendo inclusive em zonas geográficas comuns, com—até hoje—marcante presença no solo europeu. Mesmo assim, apesar desta proximidade, desta *intimidade* histórica (não podemos esquecer que foi através do mundo islâmico na Andaluzia que a filosofia grega foi resgatada pelo Ocidente, trazendo os primeiros ventos que nos levaram ao Renascimento) continuamos bastante ignorantes sobre o Islã.

Se mal compreendemos a cultura islâmica (pior: se a demonizamos e a apontamos como o “Outro” inimigo, numa estranha cruzada pós-moderna), o que dizer do mundo pré-islâmico, ou seja, anterior ao advento do Profeta e do

Corão? Neste contexto, *Os poemas suspensos [Al-Muallaqat]*, traduzidos para o português por Alberto Mussa, são muito bem-vindos.

Há controvérsias na datação desses poemas. Alguns eruditos dizem que pelo menos alguns deles não são na verdade pré-islâmicos, e foram criados por bardos tribais em reação ao poder moral e literário do Corão, que rapidamente transformava as relações sociais e a visão de mundo até então vigentes na península arábica. Seja como for, esses poemas começaram a ser coligidos a partir do século 8 da era cristã, e podem remontar ao século sexto, ou até mesmo antes. Meca já era então um santuário de peregrinação, onde havia concursos de poesia. Os melhores poemas, diz a lenda, eram bordados num manto de púrpura com fio de ouro e erguidos sobre a grande pedra preta da Caaba—daí o nome de *poemas suspensos*.

A poesia tinha um papel fundamental na sociedade pré-islâmica, e o poeta desempenhava o papel de historiador, conselheiro e divulgador das glórias de sua tribo. De acordo com Alberto Mussa, em sua útil “Breve nota sobre a poesia pré-islâmica”, que serve de prefácio à antologia, os *Poemas Suspensos* “pertencem a um gênero ou, mais propriamente, a uma forma poética denominada *cassida*, caracterizada por uma sucessão ininterrupta de versos de dois hemistíquios que seguem uma única rima e um único metro”. As cassidas se estruturam em três partes: uma introdução erótica ou amorosa (a recordação da amada), a viagem (na qual a mensagem do poema é transmitida, geralmente uma sátira do inimigo ou a exaltação de um patrono) e, por fim, a glorificação da tribo e do próprio poeta.

Nesses poemas de homens sempre em guerra, orgulhosos de seu ambiente árido e hostil, a beleza é alcançada pelo vigor das imagens que abundam em alusões, descrições e comparações às coisas concretas. Nesse belo verso de Amr, filho de Kulthum, por exemplo, a amada é elogiosamente

comparada a uma jovem camela virgem: “braços que são os de uma bela camela de pescoço longo, cor de canela, nova, de raça pura, que não recolheu semente”.

Alberto Mussa nos informa que a cassida de Amr é escrita com rima em *na* e metro *perfeito*. Apesar de todos os seus louváveis esforços, o leitor intui que a tradução, ainda que fiel ao conteúdo semântico dos versos, fica muito longe de toda a riqueza sonora do original—e, portanto, muito distante do casamento entre imagem e musicalidade que faria com que esses poemas alçassem vôo, realmente *suspensos*. No entanto, é um livro enriquecedor, oxalá uns dos pioneiros na aventura de trazer para a língua portuguesa o total encanto da poesia árabe—poesia, aliás, da qual somos historicamente devedores.

Renato Rezende é poeta e tradutor. Seu livro *Ímpar* (Lamparina, 2005) ganhou o prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional.